

OPINIÃO

Artigo: Seis transformações na direção da sustentabilidade



Maurício Antônio Lopes*

postado em 09/02/2020 04:05

Faltam boas métricas para definir a amplitude e a complexidade das mudanças em curso na sociedade. Essa ausência é o resultado da nossa excessiva fidelidade ao reducionismo, caracterizado, por sua vez, no tratamento de fenômenos complexos a partir das suas partes que, somadas, usualmente não explicam o comportamento do todo. É inegável que a ciência e as suas disciplinas ; física, matemática, biologia, economia, sociologia etc. ; e os domínios que usamos para descrever o nosso complexo planeta ; atmosfera, litosfera, hidrosfera, biosfera etc. ; nos ajudaram a produzir conhecimento e progresso. No entanto, é também inegável que estamos esbarrando em problemas que não podem ser tratados apenas com métodos e estratégias convencionais.

Por isso, em 2015, os líderes de 193 países aprovaram um ambicioso plano de promoção do desenvolvimento humano, desenhado para superar não só velhos e persistentes problemas, como fome, pobreza e exclusão, mas também novos desafios, como mudanças climáticas, consumo descontrolado e rupturas tecnológicas. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) acordados compõem uma ampla gama de temas de desenvolvimento social e econômico, incluindo pobreza, fome, saúde, educação, mudança climática, recursos naturais, energia, produção e consumo, igualdade de gênero, entre outros. Suas metas se complementam e se reforçam para evitar que o progresso em uma área não ocorra às custas de outra. Mas, passados mais de quatro anos do lançamento dessa agenda global de desenvolvimento, é fácil perceber que o reducionismo está por demais incrustado nos governos, nas empresas, nas agências de fomento, nas universidades, nos institutos de pesquisa e na sociedade civil. Ainda há muito o que avançar para que esses entes trabalhem de forma integrada e cooperativa para implementação dos ODS até 2030.

Ciente dessa limitação, o Instituto Internacional de Análise de Sistemas Aplicados (IIASA), um think tank na Áustria, reuniu pesquisadores e líderes globais numa plataforma denominada ;O

Mundo em 2050; (The World in 2050 em inglês, ou TWI 2050), para formular estratégias mais efetivas de implementação dos ODS até 2030, já antecipando desafios ainda mais complexos. Em 2018, o grupo apresentou à ONU suas conclusões, concordando que os ODS representam o melhor entendimento até agora alcançado sobre o futuro do planeta, mas argumentando que o custo de transação para sua implementação com foco em 17 objetivos é muito alto e já compromete o alcance de resultados. Por isso, propuseram seis transformações que poderão ajudar a humanidade a compor com maior rapidez o nexos científico, moral e político necessário para avançarmos com maior rapidez na direção da sustentabilidade.

As transformações propostas compõem uma estrutura integrada de ação que reduz complexidade, agregando ODS relacionados para melhor operacionalização e acompanhamento dos avanços. A primeira transformação proposta (Capacidade Humana) se concentra na promoção da educação e na redução das desigualdades, defendendo que só a educação constrói competências, que, por sua vez, promovem o crescimento econômico, o trabalho decente e a eliminação da pobreza e da exclusão. A segunda transformação (Saúde e Bem-Estar) dependerá de investimentos na promoção da qualidade de vida, com efetiva coordenação de políticas de saúde, trabalho e indústria, além de vigorosa promoção de dietas e comportamentos saudáveis. A terceira transformação (Energia e Indústria) demanda acesso universal às modernas fontes de energia, à descarbonização do sistema energético e à redução da poluição do ar, da água e do solo, alinhando setores como energia, construção, transporte e meio ambiente.

A quarta transformação (Alimento e Biosfera) demanda mudanças no uso dos recursos naturais para garantir acesso a alimentos nutritivos e água potável para todos, com mínimo impacto ao solo, água, ar, biodiversidade e oceanos. A quinta transformação (Cidades e Comunidades) se concentra nos ambientes urbanos, abrangendo cerca de 55% da humanidade e 70% da economia global, com avanços em conectividade, mobilidade, serviços e infraestrutura inteligentes, além de redução da pegada ambiental das cidades e comunidades. A sexta transformação (Revolução Digital) considera inovações e rupturas que poderão estimular ou ameaçar a implementação dos ODS, pedindo atenção aos padrões regulatórios, infraestrutura física e governança que reduzam riscos e capturem os benefícios da revolução digital para os ODS.

Essa agenda é singular por fornecer uma visão inclusiva, integrada e mais factível de progresso sustentável, alinhando mudanças de natureza econômica, política, tecnológica e social. Trata-se de um ambicioso plano de promoção do desenvolvimento humano, essencial para superar modelos de desenvolvimento reducionistas ainda dominantes, embora incoerentes com o nosso tempo.

Esse é um caminho para viabilizar o tão necessário alinhamento de esforços entre os domínios público e privado na sociedade. No setor empresarial, cresce a consciência de que a busca por soluções para os grandes desafios da sociedade é decisiva para o alcance de vantagens competitivas nos mercados. Além disso, a sofisticação da parceria do Estado com o setor produtivo é condição sine qua non para alcançarmos um modelo de desenvolvimento mais simbiótico e sustentável, que beneficie a sociedade de forma ampla e permanente.

-- -- -- -- --